

Mídias na educação e formação de professores: por uma convergência dialógica

Rosa, Ana Claudia Ferreira; Silva, Maiara Sobral

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Rosa, A. C. F., & Silva, M. S. (2016). Mídias na educação e formação de professores: por uma convergência dialógica. *Revista Desafios*, 2(1), 67-78. <https://doi.org/10.20873/ufv.2359-3652.2015v2n1p67>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer CC BY-NC Lizenz (Namensnennung-Nicht-kommerziell) zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den CC-Lizenzen finden Sie hier: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.de>

Terms of use:

This document is made available under a CC BY-NC Licence (Attribution-NonCommercial). For more information see: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>

MÍDIAS NA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: POR UMA CONVERGÊNCIA DIALÓGICA¹

MEDIA IN EDUCATION AND TEACHER TRAININ : FOR A CONVERGENCE DIALOGIC

Ana Claudia Ferreira Rosa

Maiara Sobral Silva

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins - IFTO
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM*

RESUMO

O artigo apresenta uma análise das mídias na educação a partir de um olhar que busca a convergência dialógica na relação dos professores com os recursos midiáticos. Com este estudo, objetiva-se problematizar os saberes necessários à formação de professores com vistas à utilização intencional, consciente e mediadora das mídias na educação escolar, considerando a tecnologia como um esforço dos seres humanos em sua autoprodução para além dos meios biológicos de que são providos, mas neste esforço a tecnologia assume nuances que se associam aos fins de seu uso. Portanto, sua utilização não é neutra, antes, cumpre os propósitos de quem as utiliza, ou ainda de que planeja seu uso. O estudo se pautou pela pesquisa bibliográfica entre outras referências, nos estudos de Pierre Levy (1999; 2011), nas reflexões sobre a tecnofilia e a tecnofobia de Pedro Demo (2009), no diálogo como processo de historicização e base da formação de professores a partir de Paulo Freire (1991; 1996), nas imersões sobre a mudanças ocorridas com a aceleração tecnológica e a necessidade da crítica como contraponto da técnica, proposta por Nicolau Sevcenko (2001), no ensino como trabalho interativo a partir de Tardif (2010) entre outras referências. Os resultados apresentam possibilidades de convergências dialógicas na utilização dos recursos tecnológicos pelos professores.

Palavras-chave: Tecnologia. Diálogo. Recursos midiáticos.

ABSTRACT

The article presents an analysis of media in education from a gaze that seeks convergence in dialogic relationship between teachers and the media resources. This study objective is to question the knowledge necessary to teacher training with a view to intentional use, conscious and mediator of media in education, considering technology as an effort of human beings in their self-production in addition to the biological resources that are provided, but this effort the technology assumes nuances that are associated with the purpose of its use. Therefore, its use is not neutral, rather, meets the purposes of those who use them, or that it plans to use. The study was guided by the literature among other references, the studies of Pierre Levy (1999, 2011), contributing to generating technophilia and technophobia of Pedro Demo (2009), dialogue as historicizing process and basis for teacher training from Paulo Freire (1991; 1996), the immersion of the changes with the technological acceleration and the need

¹ Artigo apresentado na disciplina Cultura Digital, Formação Humana e Saberes da/na Docência, ministrada pela professora Dra. Adriana Moreira da Rocha Maciel e pelo professor Dr. Celso Ilgo Henz, no Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE), Mestrado em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) no 2º semestre de 2013.

for critical counterpoint technique, proposed by Nicholas Sevckenko (2001), teaching as interactive work from Tardif (2010) among other references. The results show convergences dialogic possibilities in the use of technological resources by teachers.

Key words: Technology. Dialogue. Media resources.

Recebido em 04/12/2015. Aceito em 16/12/2015. Publicado em 18/01/2016.

INTRODUÇÃO

Historicamente, a conquista do espaço geográfico e de populações diversas se deu como resultado do domínio que os seres humanos imprimiram em suas relações com o meio natural. Ao impulso inicial de sobrevivência que se tornou motor para o desenvolvimento tecnológico se somou a vontade de conquistar mais terras, mais povos, ampliando os domínios e as riquezas de povos e nações. Neste contexto, a tecnologia ressalta como meio para atingir aos fins propostos. Ela potencializa os limitados recursos físicos dos seres humanos e promove a mobilidade no espaço em tempos cada vez menores, amplia a visão e realiza operações e cálculos precisos impossíveis de serem realizados diretamente pelos maiores gênios já conhecidos pela história. Contudo, é a tecnologia uma produção humana. Um recurso a serviço de um fim. E qual deveria ser esse fim senão aquele que exaltasse o ser humano e o elevasse em sua condição de sujeito de sua história, ressaltando o seu protagonismo? Mas, a utilização da tecnologia pode atender a vieses diversos, sob a ação dos sujeitos pensantes e de seus desígnios. Sua utilização, portanto não está dado em si, mas no uso que cada projeto pessoal e/ou social tem como proposta.

No bojo da utilização da tecnologia como meio, neste estudo se problematiza a inserção dos recursos midiáticos na educação escolar considerando os saberes necessários à formação de professores com vistas à utilização intencional, consciente e mediadora desses recursos, com ênfase para a compreensão de que diferentes percepções de mundo definem diferentes formas de utilização dos meios tecnológicos.

Compreende-se que a utilização dos recursos midiáticos, oriundos do desenvolvimento tecnológico não seria diferente no âmbito da educação escolar. Os projetos de seres humanos mediatizados pela educação escolar condicionam a utilização desses recursos. Contudo, a intencionalidade do fazer pedagógico nem sempre se faz claro, os currículos escolares não raro se apresentam como território em disputa tal qual intitulou seu

livro Miguel Arroyo - referimo-nos à obra “currículo, território em disputa,” publicada pela editora Vozes em 2011 – interesses divergentes mobilizam diferentes currículos e subjazem aos saberes eleitos os poderes dominantes em voga. Por isso a atividade docente requer a consciência, posicionamento crítico, utilização racional e mediadora dos saberes e dos meios, como os recursos midiáticos.

A compreensão que se tem de educação e de seu poder na construção de pessoas e de sociedades constituem linhas definidoras desse fazer. Neste aspecto os recursos midiáticos, tais como a inserção dos computadores, de programas de softwares, da internet terão papéis definidos de acordo com os planejadores das políticas educacionais, mas, sua concretização se faz na execução, no campo da ação de professores e alunos.

Neste sentido, importa a formação dos professores e com esta formação a superação dos aspectos considerados perniciosos para a utilização dos recursos midiáticos: a ausência do equilíbrio, do justo termo na utilização dos recursos tecnológicos, que podem assumir a forma de paixão pelo meio ou fobia destes. Para tanto, a formação dos professores contextualizada com as questões da atualidade, com responsabilidade pelo fazer pedagógico crítico e transformador do *status quo* que mantém a sociedade em classes de oprimidos e opressores, ainda que se denomine democrática, essa formação para ser necessária precisa ser reveladora e visar a conscientização.

Problematizando as questões supramencionadas, o artigo apresenta os seguintes assuntos: Inicialmente apresenta a tecnologia como suporte da supremacia do ser humano, trazendo à baila a potencialização dos recursos biológicos pelo desenvolvimento das técnicas; na sequência são apresentadas reflexões sobre as mídias, a educação e os saberes da docência, neste *ínter* são evidenciados aspectos relevantes do estudo que visam a convergência dialógica da formação dos professores para a utilização consciente dos recursos tecnológicos; na sequência, e como corolário do estudo, se encontra a discussão sobre a necessidade da superação da tecnofilia e da tecnofobia para se chegar a um equilíbrio na utilização dos recursos midiáticos. Nas considerações finais são perfiladas algumas conclusões que não intentam encerrar a questão, antes, visam constituírem-se novos pontos de partidas.

1 A TECNOLOGIA COMO SUPORTE DA SUPREMACIA DO SER HUMANO

A concepção de dominação do espaço físico e natural como condição primeira de sobrevivência da espécie humana constituiu motor para o desenvolvimento das ferramentas que ampliaram o poder dos seres humanos, potencializando suas limitadas capacidades biológicas.

Desde o período paleolítico o esforço para produzir a existência humana tem mobilizado conhecimentos, alterado paisagens e delimitado culturas. Imprimiram-se categorias a estas culturas: as separações dos povos que se denominaram civilizados de outros considerados bárbaros. Colaborou para esta demarcação o desenvolvimento tecnológico e industrial entre outros aspectos. Definiram-se índices de desenvolvimento das nações, umas se denominaram desenvolvidas e outrora chamaram as outras subdesenvolvidas a partir da visão de evolução que se fez emergente na análise dos povos e que tinha por fundamento o darwinismo social.

Pierre Lévy ao tratar da economia na introdução de sua obra “A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço”, ressalta a relação entre a gestão do conhecimento e a prosperidade das nações. Neste sentido profere que:

A prosperidade das nações, das regiões, das empresas e dos indivíduos depende de sua capacidade de navegar no espaço do saber. A força é conferida de agora em diante pela gestão ótima dos conhecimentos, sejam eles técnicos, científicos, da ordem da comunicação ou derivem da relação “ética” com o outro (LÉVY, 2011, p. 19).

Decorrido o tempo, a dialética do processo histórico fez emergir, em prol de uma visão menos etnocêntrica a consciência do processo de exclusão advindo com esses termos, portanto, tornou-se politicamente incorreto, para a literatura com fulcro nos princípios democráticos, a utilização dos termos opostos supracitados, outros termos mais adequados a esta literatura ocuparam as posições antagônicas como países desenvolvidos e países em desenvolvimento.

Nicolau Sevcenko (2001) analisando o desenvolvimento tecnológico da humanidade, utiliza-se da metáfora da montanha-russa para descrever o fascínio e a entrega dos sujeitos imersos no tempo e espaço dessa produção tecnológica acelerada. O autor organiza suas reflexões em três fases: na primeira fase, sinaliza com a ascensão na montanha russa (séc. XVI – séc XIX). A subida faz referências à Europa Ocidental, com o domínio sobre as forças naturais que garantiram domínios sobre territórios e pessoas.

A Segunda fase: caracterizada pela queda vertiginosa. Por volta do ano de 1870, marcada pelas novas tecnologias, nos transportes (exemplo: carros e transatlântico), comunicação, recursos energéticos, lazer (como a montanha russa). Mas a Primeira Guerra Mundial com os recursos tecnológicos provocaram mortes em escalas nunca dantes presenciadas. Sendo ainda seguida pela Segunda Guerra Mundial. O desenvolvimento tecnológico seguiu paralelo à sensação de apocalipse iminente.

Na terceira fase, a fase do loop, da aceleração extrema - na sociedade equivale à Revolução microeletrônica.

A síndrome do loop é caracterizada na metáfora como a entrega ao destino pela desistência da luta. Incapacidade de resistir. Caracteriza precisamente a passagem do século XX ao século XXI. A velocidade das transformações tecnológicas paralisa, a crítica subsumi à técnica.

O estudo de Sevcenko (2001) colabora com o esforço para a elucidação do fascínio e do medo que provocou o acelerado desenvolvimento tecnológico e a ausência da crítica em alguns momentos da história. Ausência que se constata, mas que se busca refutar, em prol de uma sociedade consciente de suas potencialidades e limitações e pela consciência que não se pode controlar a utilização dos recursos tecnológicos para servir a um único fim, seu uso é definido pelos desígnios de quem quer que os utilize.

Se, se pode afirmar que o desenvolvimento tecnológico potencializa os recursos limitados dos seres humanos, não se pode dizer que elas servem a todos, indiscriminadamente, neste sentido, corrobora Arroyo,

As ciências não subordinaram suas descobertas e avanços à emancipação humana nem sequer às necessidades humanas, à felicidade, à erradicação da miséria, à garantia dos direitos, ao que a grande maioria pensa ser seu direito como seres humanos. A lógica do saber tecnológico e científico não se inspira na lógica da universalização nem sequer do próprio saber, nem na universalização de seus benefícios, que estaria na base da educação universal como direito [...] (ARROYO, 2004, p.109).

O acesso aos recursos a um número cada vez maior de usuários das tecnologias consiste em um dos aspectos da idiosincrasia do século XXI, contudo, a crítica ao uso inadequado e ao sem número de sujeitos que sequer conseguem manter um padrão mínimo de subsistência não podem ser olvidados. O educador Paulo Freire ressaltou sua postura crítica diante dos recursos de seu tempo: “Mas essa é minha forma de ser: eu analiso os comerciais e

descubro neles, imediatamente o corte de classes, por exemplo, o corte de sexo, o corte de raça; às vezes os três juntos, entendes?” (in FREIRE & GUIMARÃES, 2011, p.32)

A visão que temos do mundo circundante é própria de cada um com sua bagagem cultural, com as experiências que como veículos de informações chegam até cada sujeito e são percebidas individualmente e absorvidas ou não, compreendidas, apreendidas ou refutadas, neste aspecto a educação é meio primordial para as impressões que marcam e fixam moradia em cada ser pensante. Se a tecnologia é meio para promover os sujeitos, é pela educação que ela pode ser melhor utilizada.

2 MÍDIAS, EDUCAÇÃO E SABERES DA DOCÊNCIA

Com Lévy (1999, p. 61) definimos mídia como “[...] o suporte ou veículo da mensagem. O impresso, o rádio, a televisão, o cinema ou a internet, por exemplo, são mídias.”

Segundo essa ótica, pode-se observar que já existe a inserção de algumas mídias no âmbito educacional, o que faltam são atividades que integrem as disciplinas e saberes dos sujeitos desta relação. Nesse sentido, agregar à educação a utilização das mídias torna o ambiente escolar mais atrativo, interativo e dinâmico. Sendo que:

O ensino é uma atividade humana, um trabalho interativo, ou seja, um trabalho baseado em interações entre pessoas. Concretamente, ensinar é desencadear um programa de interações com um grupo de alunos, a fim de atingir determinados objetivos educativos relativos à aprendizagem de conhecimentos e à socialização. Consequentemente, a pedagogia, enquanto teoria do ensino e da aprendizagem, nunca pode colocar de lado as condições e as limitações inerentes à interação humana, notadamente as condições e as limitações normativas, afetivas, simbólicas, e também, é claro, aquelas ligadas às relações de poder. Em suma, se o ensino é mesmo uma atividade instrumental, trata-se de uma atividade que se manifesta concretamente no âmbito de interações humanas e traz consigo, inevitavelmente a marca das relações humanas que a constituem (TARDIF, 2010, p. 118).

No que diz respeito ao uso das tecnologias na Educação é preciso pensar a forma com que esta ocorre, pois se elas forem subutilizadas não terão o efeito desejado, desta forma repensar a forma com que se valida as aprendizagens torna-se necessário, pois segundo Lévy (1999, p. 175):

A evolução do sistema de formação não pode ser dissociada da evolução do sistema de reconhecimento dos saberes que a acompanha e a conduz. Como exemplo, é sabido que são os exames que, validando, estruturam os programas de ensino. Usar todas as novas tecnologias na educação e na

formação sem mudar em nada os mecanismos de validação das aprendizagens seria o equivalente a inchar os músculos da instituição escolar bloqueando, ao mesmo tempo, o desenvolvimento de seus sentidos e de seu cérebro (LÉVY, 1999, p. 175).

Desta forma, hoje, surge uma nova docência, que exige mais do professor, uma vez que o modelo tradicional baseado na transmissão do conteúdo está sendo superado por uma nova forma de interação. Nos dias atuais, os alunos participam mais, questionam mais e se contentam menos, o que leva o docente a buscar uma nova postura, mais de mediador e interlocutor do que de detentor do conhecimento.

Com o uso das tecnologias, por consequência das mídias, o ambiente escolar ganha outro significado, e passar a fazer uma nova leitura do mundo, uma vez que nem sempre o que está escrito e divulgado é a verdade absoluta, nesse sentido, preparar os alunos para uma leitura das tecnologias e mídias faz-se necessário para a formação de pessoas mais críticas. Pois é preciso destacar que:

A mídia não só diz o que existe e, conseqüentemente, o que não existe, por não ser veiculado, mas dá uma conotação valorativa, de que algo é bom e verdadeiro, á realidade existente. As coisas veiculadas pela mídia são boas e verdadeiras, a não ser que seja dito expressamente o contrário. O que está na mídia não é só, então, o existente, mas contém igualmente, algo de positivo (GUARESCHI & BIZ. In HENZ & ROSSATO, 2007, p. 101).

Em meio à cultura digital nasce uma nova geração de aprendizes, os quais podem, com apenas, marcar encontros, namorar via computador e ler livros digitais. Estes já são comportamentos habituais, mas aí reside um dos grandes dilemas do ensino nessa nova onda, a escola, em muitas vezes, não acompanhou o ritmo da evolução. Para lidar com esse avanço, é preciso que todos os envolvidos nesse processo estejam abertos e dispostos ao diálogo e ao novo, pois não há mais a detenção do conhecimento, o livro já não supre mais todas as dúvidas, hoje com um clique o aluno está conectado ao mundo, informa-se, sem, contudo, formar-se, necessariamente. Como o professor se encontra nesse panorama? Para Tardif (2010, p. 240), “[...] se os professores são efetivamente, sujeitos do conhecimento, devem fazer então, o esforço de agir como tais, ou seja, o esforço de se tornarem atores capazes de nomear, de objetivar e de partilhar sua própria prática e sua vivência profissional”. Sendo assim, a aproximação das mídias e das tecnologias com a Educação traz um novo modelo para o momento da aprendizagem, que supera o fluxo de comunicação emissor – mensagem – receptor e torna o processo mais dinâmico e interativo. Ainda, com Charlot concordamos que: “A relação com o saber é relação de um sujeito com o mundo, com ele mesmo e com os

outros. É relação com o mundo como conjunto de significados, mas, também, como espaço de atividades, e se inscreve no tempo”. (CHARLOT, 2000, p.78)

Mídias, educação e saberes da docência são aspectos que convergem para uma relação dialógica e produtora.

3 SUPERACÃO DA TECNOFILIA E DA TECNOFOBIA: EM BUSCA DO EQUILÍBRIO

Tecnofilia e tecnofobia constituem pólos opostos na relação com os recursos midiáticos, enquanto o tecnófilo compreende a tecnologia como a panaceia para os problemas da humanidade, o tecnófobo, ao contrário, atribui a esta muitos dos problemas da humanidade. A utilização dos termos que tecnofilia e tecnofobia são utilizados a partir do estudo de Pedro Demo. Com o autor definimos que:

Pode-se usar o termo “*tecnofilia*” para quem aprecia em excesso, e o termo “*tecnofobia*” para quem aprecia de menos. A questão mais árdua será definir o que seria excesso, bem como o que seria uma posição equilibrada. Não pretendo resolver essa pendenga, mas apenas discutir posicionamentos mais e menos oportunos perante as novas tecnologias, em especial no campo da educação (DEMO, 2009, p. 5).

A proposta que se insere neste ponto da discussão faz referência à superação dos aspectos considerados perniciosos na relação com as tecnologias. Mas superação em nome de quê? Para que a superação não seja mera negligência aos aspectos da tecnofilia e da tecnofobia faz-se recurso necessário e complementar apontar as possibilidades que a tecnologia traz para várias áreas, neste caso específico para a Educação. Para discutir essa relação é necessário compreender os significados dos termos tecnófilo e tecnófobo:

Os tecnófilos acreditam que os recursos da técnica e da tecnologia são os principais incitadores do avanço da Humanidade. Os seus adeptos pouco problematizam o capitalismo financeiro, apoiando-o e às suas demandas ideológicas sem dificuldade. A tecnofilia é adotada por indivíduos com conhecimentos técnicos, tantas vezes concentrados na especialização do saber tecnológico, que chegam a desenvolver uma tremenda alienação da cultura em relação à máquina. Julgam que a solução para todos os problemas implica pensá-los tecnologicamente, demonstram uma “fé cega” nos feitos e nas promessas da tecnologia, sem grande olhar crítico sobre os seus impactos.

Por seu lado, os tecnófobos avaliam os diversos aspectos contraproducentes da técnica e da tecnologia e enfatizam sobretudo a passividade do Homem perante as mesmas. Alguns dos seus defensores demonstram realmente uma aversão incontrolável à evolução tecnológica, que chega ao ponto de

considerarem o desenvolvimento tecnológico como fonte de diversos problemas sociais na actualidade. Esta postura, por vezes, tão radical, acaba por perder-se na irracionalidade, pois dificilmente teríamos como travar as inovações tecnológicas que nos acompanham desde os primórdios da Humanidade (FURTADO, 2009).

Como destaca Demo a questão sobre o uso das tecnologias no campo da Educação já passou do é bom ou é mau, agora se discute a metodologia, o saber e como fazer, visto que um recurso tecnológico digital utilizado de maneira analógica não se faz necessário. Nesse panorama surge um dos diferenciais: a postura do docente. Se este sujeito for aberto ao novo e ao diálogo promoverá uma nova forma de saber, uma vez que:

Em toda disputa por conhecimentos estão em jogo disputas por projeto de sociedade. Deve-se questionar os conhecimentos tidos como necessários, inevitáveis, sagrados, confrontando-os com outras opções por outros mundos mais justos e igualitários, mais humanos, menos segregadores dos coletivos que chegam às escolas públicas, sobretudo. Também é preciso repor nos currículos o embate político no campo do conhecimento assumido não como um campo fechado, mas aberto à disputa de saberes, de modos de pensar diferentes (ARROYO, 2011. p.p. 38-39).

A educação não é uma entidade refratária, cujos aspecto da sociedade em que está imersa não atingem ou influenciam, antes é fruto das produções humanas, como a tecnologia. Ambas são utilizadas para promover os sujeitos, mas ao mesmo tempo, segregam, excluem. Por isso está nas mãos dos professores definir a quem servirá a educação mediada pela tecnologia. Cabe ao educador promover a criticidade, conforme defendia Freire:

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis (FREIRE, 1996, p.26).

Pedro Demo (2009, p. 11) ressalta que “Seria mais pedagógico educar para o uso adequado e responsável da internet, assim como seria tolo proibir o uso da internet nas pesquisas e elaborações dos jovens estudantes”. Enquanto Pierre Lévy (1999, p. 26) ressalta que “Uma técnica não é nem boa, nem má (isso depende dos contextos, dos usos e dos pontos de vista), tampouco neutra (já que é condicionante ou restritiva, já que de um lado abre e de outro fecha o espectro de possibilidades)”. Resta ressaltar a responsabilidade social dos sujeitos diante da técnica. Não é o meio e sim o produtor que se utiliza dele.

A crítica, portanto, é a contrapartida cultural diante da técnica, é o modo de a sociedade dialogar com as inovações, ponderando sobre seu impacto, avaliando seus efeitos, e perscrutando seus desdobramentos. A técnica nesse sentido, é socialmente consequente quando dialoga com a crítica (SEVCENKO, 2001, p. 17).

Em Sevcenko (2001), O estudo propõe a crítica como contrapartida da técnica. Para tanto apresenta três movimentos da crítica: 1- desprendimento e distanciamento do ritmo acelerado das mudanças; 2- avaliação das estruturas e dos efeitos das mudanças; 3- sondar o futuro em perspectiva histórica para definir como a técnica pode beneficiar a maioria das pessoas. Neste aspecto vislumbramos o caminho para a superação da tecnofobia e da tecnofia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do capital cultural que possuímos fazemos as leituras dos contextos a que assistimos ou participamos, por isso são diferentes as visões que se tem das mídias como instrumento mediador da educação. Segundo Freire ao se referir à televisão e as mensagens que subjazem ao aparelho, “trata-se afinal de contas, de envolver o corpo inteiro do educando e do educador como corpo consciente, e não puramente justapor os instrumentos a esses corpos” (in FREIRE & GUIMARÃES, 2011, p.55). Neste sentido, pensar na mídia, na educação em meio à cultura digital é uma necessidade do presente, é preciso discutir a aproximação dessas áreas em favor do conhecimento. A geração do agora busca um novo formato de escola, um novo modelo de professor, para isso, torna-se imprescindível analisar como as tecnologias interferem no cotidiano do aluno do século 21.

Não é preciso defender bandeira x ou bandeira y, a realidade é que qualquer instrumento, ferramenta, dispositivo tem dois lados, o que vai diferenciar sua característica será o uso. Sendo assim, a utilização das tecnologias na sala de aula pode contribuir para a criticidade dos estudantes, se elas fizerem parte de uma proposta educativa integrada e planejada e não uma ação individual e isolada.

Por isso, é importante pensar na formação de professores na cultura digital, assim como na atualização daqueles que já estão em sala de aula, a palavra de ordem do momento é estar aberto ao novo. E isso não significa que deve-se concordar com tudo, mas sim que é preciso estar disponível para outras possibilidades que vão além daquelas já conhecidas.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel G. *Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens*. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- _____. *Currículo, território em disputa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- CHARLOT, Bernard. *Da relação com o Saber: Elementos para uma teoria*. (trad. Bruno Magne). – Porto Alegre: Artmed, 2000.
- DEMO, Pedro. “*Tecnofilia*” & “*Tecnofobia*”. B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof., Rio de Janeiro, v. 35, n.1, jan./abr. 2009.
- FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *Educar com a Mídia: Novos diálogos sobre educação*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 19 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FURTADO, Paulo, "Combater o Futuro: Um olhar sobre as representações “tecnofóbicas” de ciência e tecnologia na cinematografia moderna ", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 10 (2009). ISSN 1645-958X.
- Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id05id164&sum=sim>> Acesso em 04 dez 2013.
- GUARESCHI, Pedrinho A.; BIZ, Osvaldo. Mídia, globalização e violência social. In HENZ, Celso I; ROSSATO, Ricardo. (Orgs.) *Educação Humanizadora na Sociedade globalizada*. Santa Maria/RS: Biblos, 2007.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- _____. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 8ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- QUARESMA, Alexandre. Tecnociências: meios ou fins? *Revista Filosofia. Ciência & Vida*. Belo Horizonte: Ponto A, Ano VII, N.º 86, setembro 2013.
- SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa*. (coordenação Laura de Mello e Souza, Lilia Moritz Schwartcz). São Paulo. Companhia das Letras 2001.
- TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 11 Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

Ana Claudia Ferreira Rosa

Possui mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), especialização em Educação Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA, pelo Centro Federal de Educação Tecnológica do Pará, graduação em Pedagogia-Licenciatura pela Universidade Federal do Pará. É Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO).

E-mail: anaclaudia@ifto.edu.br

Endereço: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins /Paraíso. Distrito Agroindustrial, BR 153, KM 480, Vila Santana. CEP: 77600000 - Paraíso do Tocantins, TO - Brasil – Caixa Postal: 151

Maiara Sobral Silva

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Especialista em Docência do Ensino Superior pelo Instituto Tocantinense de Pós - Graduação (ITOP). Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Jornalista no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO).

E-mail: maiara@ifto.edu.br

Endereço: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins. 101 Sul Av. Teotônio Segurado 3- CEP: 77020-014 - Palmas, TO - Brasil